

## RUBEM BRAGA

# “Estamos fazendo uma enquête...”

A moça era redatora da revista “Orvalho”, se bem lembro, e queria que eu respondesse a algumas perguntas, por exemplo: qual era a música e o poema que mais me emocionavam e por quê? E minha flor predileta? E o que eu acho do café-*society*; e se eu fôsse para uma ilha deserta, quem gostaria de levar comigo?

Tive a tentação de responder só a esta última pergunta: qualquer pessoa, menos moça que trabalha em revista e faz perguntas — ou rapaz que trabalha em vespertino e acorda uma pessoa de manhãzinha pra indagar se ela é a favor da pena de morte ou se, na intimidade, usa palitos.

“— Estamos fazendo uma *enquête*...”

É sempre assim que começam, os monstros. E a gente cai. Há duas maneiras de cair; uma, escrevendo a resposta; outra, dizendo qualquer coisa para a pessoa mesma redigir. Neste último caso há tôdas as possibilidades de nossa resposta aparecer truncada ou deformada; no primeiro, nós, pobres diabos que vivemos de escrever, e já temos dificuldade em escrever o que devemos, sentimos que estamos escrevendo de graça para um jornal ou revista qualquer.

Há também maneiras de não cair: “Minha filha, estou embarcando para Petrópolis neste minutinho, já estava no elevador quando você tocou o telefone, quer uma sugestão? Ligue para o Fernando Sabino, é 47-4408, ou, como o assunto é poesia, pergunte ao Carlos Drummond, hem? Tenho sim, é 27-5696. ... pois não, de nada, passe bem, obrigado...”

No assunto política já cometi minhas baixeiras, ou, digamos, abusos de confiança: forneci números de telefone que não estão na lista e que sei por acaso, como o de Carlos Lacerda ou Israel Pinheiro (“qualquer um dos dois poderá falar melhor do que eu sobre Brasília, você não acha? Um é bem contra, outro é todo a favor, sua *enquête* fica bacana...”)

Há também os repórteres novos, que para nos deixar à vontade dizem: “É melhor o senhor mesmo fazer as perguntas, fica mais interessante”, mas êstes são os cínicos cem por cento.

E há outros, estilo *nouvelle vague*, que se julgam interessantes quando são agressivos e perguntam coisas assim: “É verdade que o senhor foi amante de uma tia, ficou devendo quatro meses de um hotel em Paris, tomou um porre e vomitou no colo da senhora de um ministro e comprou uma catapulta a ar comprimido só para facilitar a expedição de mocinhas pelo terraço de seu edifício?”

O remédio é mandar ligar para o Nelson Rodrigues, que não faz essas coisas mas conhece o pessoal que vive a vida como ela é.

Há de tudo. Outro dia o Otto Lara Rezende chegou de Bruxelas e depois de muita conversa um desses repórteres lhe submeteu dois itens escritos: a) suas impressões sobre a mulher belga; b) a situação da Europa em geral.

Otto prometeu responder, para se desembaraçar do rapaz, mas meia hora depois o monstro voltou a telefonar, tinha mais uma perguntinha só: “Haverá guerra?”